

# A LÓGICA COMO CIÊNCIA DO LÓGOS: DESAFIOS À CIÊNCIA

*Pedro Geraldo Aparecido Novelli*

Universidade do Estado de São Paulo

**Resumo:** Hegel afirma que a filosofia para ser ciência precisa deixar de ser amor pelo saber para ser saber de fato. Contudo, isso não significa que a ciência deva ser tomada como parâmetro intocável. Assim como a filosofia precisa firmar sua presença de igual modo a ciência necessita reestabelecer seu status de forma de conhecimento pertinente e válida. Nesse sentido o objetivo do presente texto é oferecer subsídios para a reflexão sobre a ciência e seu fazer a partir da Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel e em particular de acordo com as questões apresentadas pelo filósofo no primeiro parágrafo da referida obra.

**Palavras-chaves:** princípios, objetivos, métodos.

**Abstract:** Hegel says that philosophy in order to be science has to overcome its definition as love for knowledge and to become real knowledge. However it does not mean that science itself must be taken as an untouchable reference. So, as philosophy needs to put its presence so needs science reinstates its status as a meaningful and effective form of knowledge. In this way it is the aim of this paper to offer a contribution for a reflection about science and its activity taking as source Hegel's Encyclopedia of Philosophical Sciences and in particular the first paragraph of the mentioned work.

**Keywords:** principles, aims, methods.

## Introdução

A ciência é uma forma de conhecimento que pode ser identificada na atualidade como 'a' forma de conhecimento. Os benefícios proporcionados pela ciência são inúmeros e de fácil constatação. Aliás, é notória a presença da ação da ciência em praticamente todos os momentos que constituem a vida do homem moderno. No entanto, nos séculos XX e XXI tem aumentado e, se fazendo sentir

as ressalvas em relação ao conhecimento científico, provocadas, principalmente, pelo efeito colateral das criações científicas. Não é sem razão que a questão da ética tem sido evocada com maior constância em relação aos procedimentos adotados pela ciência. O mote científico de procurar e atuar em função do “bem da humanidade” tem sido exposto como uma generalidade que pode conter em si tudo e nada ao mesmo tempo precisamente por evocar uma certa indeterminação que desemboca sem grande resistência na arbitrariedade. A compreensão de “bem” tem sido apresentada pela ciência, sem que seja posto um esclarecimento a respeito do mesmo, como a facilitação da vida proporcionada pela técnica como efetivação da ciência. O que é também entendido por “humanidade” é considerado uma totalidade indiscriminada que por vezes desconhece que o homem não se dá numa essencialidade etérea, mas na concretude da existência histórica condicionada. Não basta afirmar que todos participam da humanidade. É necessário que isso seja efetivado e assuma forma institucional.

A partir das considerações acima expostas pretende-se aqui refletir sobre o fazer ciência e o fazer da ciência segundo a compreensão de “filosofia” apresentada pelo pensador alemão G.W.F. Hegel (1770-1831), em especial, no parágrafo 1 de sua obra “Enciclopédia das Ciências Filosóficas” na qual o pensador exhibe seu sistema filosófico. Hegel apresenta nesse parágrafo com propriedade a questão do começo ou do ponto de partida para a ciência e também para a filosofia. Evidencia-se aí a preocupação hegeliana com a pertinência desse questionamento e de suas implicações. Na medida em que a ciência e a filosofia se pretendem formas do saber as mesmas precisam se defrontar com a exigência de se investigarem como formas do saber de fato. Sabem os diferentes saberes de seu saber? Por que são saberes? Seriam os únicos saberes possíveis? Quais as formas que devem portar a qualificação aceita de “saber” aceitável?

É oportuno mencionar que o texto hegeliano tomado como referência, não esgota o tratamento do tema, pois a construção da “Enciclopédia” se dá por um fazer e desfazer contínuos e crescentes que não permite que um momento esgote em si o todo.

### **A filosofia como ciência**

Hegel inicia o parágrafo chamando a atenção para o fato de que a filosofia não tem a vantagem que beneficia as demais ciências, isto é, com respeito ao objeto de estudo das mesmas. Em primeiro lugar cabe ressaltar que a filosofia não é prontamente definida por Hegel, mas tão somente mencionada. De certa forma Hegel deixa entrever que já se sabe sobre o que se está falando, ou melhor, acredita-se que se sabe sobre o que se fala. A definição etimológica de filosofia

remete à aceita delimitação de amor pelo saber. Aqui as complicações revelam mais a própria definição de filosofia, pois tanto amor quanto saber também devem ser definidos. No entanto, a definição sugerida por Hegel deixa de ser aristotélica no sentido de delimitar e estabelecer um ponto de referência para se tornar uma construção ou um por fazer-se que será identificado no ato de sua realização. Assim a filosofia não se põe como algo que é ou está aí, mas como algo que passa a estar e que vem a ser. É precisamente a partir dessa característica construída, feita para si, que queremos aqui aproximar a filosofia das demais ciências. Diz-se aqui ‘aproximar’ porque a ciência é o saber que se sabe saber posto e não tão somente assumido e adquirido. Daí, a aproximação é, de fato, um distanciamento, pois as demais ciências são postas em xeque enquanto o que pretendem ser, isto é, conhecimento do ser ou do que é. Pode-se dizer nesse sentido que o dado não é encontrado pelo saber da ciência, mas é por este determinado. Por isso, o benefício imputado por Hegel às demais ciências pode ser entendido como um prejuízo ou como o que impede ou cria barreiras à constituição da ciência. Essa referida constituição é a constituição do próprio homem ou exclusivamente do próprio homem. A filosofia por não participar do que beneficia as ciências pareceria encontrar-se em desvantagem, pois não sabendo o que investiga ou considera, não sabe igualmente de si nem de sua razão de ser. Ora, o desconhecimento do que se vê fora é o concomitante desconhecimento do que se vê internamente. A filosofia ao não se ver além, não se vê a quem. O que se tem, então é uma relação entre o que vê e o que é visto. Talvez precisamente por isso as demais ciências não tenham dificuldade em olhar para si mesmas e se determinarem, pois, na verdade, elas não se olham senão pelo olhar ao outro.

Na Introdução de 1817 Hegel compara no parágrafo 1 a filosofia com as outras, em particular, ciências empíricas em relação a seus objetos. Através dessa contraposição ficará claro que a filosofia se ocupa com a necessidade do próprio objeto, que justificara, que ela não pode pressupor seu objeto, senão que somente pelo conceito atestara, que este deve dá-lo. (LUCAS, 2004, p.53)

O objeto de estudo e o que o estuda acabam por se confundir e o que define esse saber é o que é sabido. Em outras palavras, o objeto determina o sujeito e este não tem atitude mais adequada do que o desaparecer no ser do outro. Não é sem significado o fato de que uma ciência possa se definir pelo que ela investiga, ou seja, o que sabe é o sabedor de certa coisa. As ciências estariam sob essa perspectiva alheias a si mesmas e somente presentes no fora de si, isto é, no objeto considerado.

Diferentemente das demais ciências, a filosofia, segundo Hegel, ocupa a posição do não saber para buscar o saber enquanto as ciências partem do saber dado que põe de forma premente o não saber, pois não precisam ou entendem não precisar saber o que são ou seu ser. Aliás, é o ser que tanto a filosofia quanto as demais ciências querem. A diferença reside na perspectiva adotada por elas. Enquanto as demais ciências buscam o ser fora, ou seja, no que estudam, a filosofia, por sua vez, busca o ser em si.

Afirmção teórica fundamental do hegelianismo - verificada na prática teórica do filósofo, que se esforçou sempre por esquecer sua própria subjetividade, que como tal é um obstáculo ao pensamento, imergindo no conteúdo da “Coisa Mesma”, para oferecer-lhe assim o elemento transparente do pensamento onde pode desenvolver-se em seu verdadeiro sentido. (BOURGEOIS, 1995, p.8)

Na *Ciência da Lógica*, indica Hegel o percurso do saber que se inicia com o ser e se realiza em seu contrário, o nada, o não ser. O ser em seu momento primeiro não passa de um indeterminado ou não passa de um ser que ainda não se sabe e, por conseguinte, não sabe. O nada, oposto do ser, não deixa de participar do ser, posto que também é. Assim, a filosofia vai de si ao que considera e, este não se encontra para além dela. As demais ciências fazem o percurso distinto indo do não ser no qual se encontram para o ser de seus objetos. Elas têm o ser de si mesmas fora ou recebem o ser de fora. A evidência de seu não saber reside precisamente na afirmação do saber no que é sabido. Elas sabem de si no saber que têm do objeto sabido.

Seria uma conclusão apressada e equivocada afirmar aqui que a filosofia é toda a positividade e a ciência toda a negatividade, pois Hegel já aludira na *Fenomenologia do Espírito* ao fato de que a filosofia precisaria deixar de ser amor pelo saber para ser saber efetivo.<sup>1</sup> Isso as demais ciências mostram à filosofia, pois não pretendem tão somente dizer as coisas, mas também que a coisa se diga nelas. Então, a filosofia tem nas ciências o parâmetro para o saber da coisa que é a coisa mesma. É nesse aspecto que a filosofia hegeliana superará a filosofia de Kant não se contentando com o saber sobre o saber, mas sim querendo o saber do sabido no sabido. A superação empreendida por Hegel irá ao ponto de explicitar o caráter kantiano das demais ciências na medida em que estas fazem uso ou se

<sup>1</sup> “Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência – da meta em que deixe de chamar-se amor ao saber para ser saber efetivo – é isto o que me proponho.” (HEGEL, 2005, §5)

apóiam em pressupostos assim como Kant sustenta a necessidade de a prioris. “A filosofia sistemática de Hegel deve ser vista como a busca de conceituar a totalidade da efetividade em todas as suas formas de manifestação como a autoexposição da razão.” (EMUNDT-HORSTMANN, 2002, p.32). Ora, as demais ciências assumem de antemão que seus objetos de estudo são dados imediatamente pela representação, isto é, que eles se dão através de sua apreensão direta. A pressuposição já é um problema para Hegel porque se trata de afirmar algo anterior ao que o possa afirmar ou independente dessa afirmação. Isso significa que o sujeito é secundarizado em relação ao objeto e, este, por sua vez, já é mesmo que não seja reconhecido. Hegel se opõe a essa ótica porque o pressuposto não pode ser senão algo posto como pressuposto, pois aceitar o pressuposto é aceitar que isso assim é. O aceite se dá através do que aceita e sem isso a pressuposição não poderia ser tida como tal. Portanto, o que é posto antes, o pressuposto, é o derivado do que põe ou é anterior enquanto resultado de um posterior que o coloca na anterioridade. “O pressuposto é independente do que ele pressupõe, - além disso é, porém, também sua condição” (HEINRICH, 1981, p.120). Assumir um pressuposto, ou seja, algo que preceda seu próprio reconhecimento representa para Hegel uma limitação à ação do sujeito que conhece, pois este deixa de poder tudo conhecer e deve aceitar que o limite é apreendido, porém não é estabelecido. Desse modo, há o intransponível para o sujeito que não pode tudo conhecer porque não se reconhece em tudo. A pretensão hegeliana é a de que a relação entre o sujeito que sabe e o objeto que é sabido seja uma efetividade, isto é, não somente uma projeção, uma suposição nem, por outro lado, a mera apreensão do que já seria real independente da relação.

Esse será o saber (saber absoluto) no qual já aparece, como necessidade dialética, essa identidade entre substância e sujeito, ou seja, essa adequação do sujeito a toda realidade. Mas o sujeito não postula, como em Fichte, desde o princípio, que ele já está adequado a toda realidade. Ele demonstrará construtivamente essa adequação à realidade, quer dizer, mostrará a sua universalidade, não como postulado, mas como resultado. (LIMA VAZ, 2014, p.157)

É curioso notar que Hegel emprega o termo ‘poder’ em relação ao fato de que as demais ciências têm a capacidade de “pressupor seus objetos como imediatamente dados”<sup>2</sup>. A palavra alemã usada é “können”, poder, o que parece

---

<sup>2</sup> HEGEL, 1995, §1.

sugerir, conforme já mencionado, tanto uma habilidade quanto uma capacidade das demais ciências. A filosofia, por sua vez, não tem esse poder e, portanto, não é capaz de tal procedimento. Tratar-se-ia de uma limitação da filosofia? Estariam as demais ciências adiante da filosofia no processo de conhecimento? É possível encontrar uma resposta de Hegel a essas questões nas *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito* nas quais a relação entre o querer e o fazer é estabelecida. Hegel distingue entre querer o fazer e fazer o querer. “Fazer o querer” significa guiar-se pelo querer indiscriminado simplesmente por tudo poder querer. Por outro lado, “querer o fazer” implica em reconhecer o que é necessário fazer e limitar, porque se quer, o querer discriminado. “Fazer o querer” é agir de forma arbitrária e indeterminada e “querer o fazer” é agir de forma regrada e responsável aqui no sentido de se responder pelo que se faz e assumir participação nas conseqüências. Assim, o que as demais ciências realizam é o querer poder pressupor e ter o pressuposto como certo e seguro ou querem ser capazes de assumir que há o precedente. O único indício para apoiar essa postura não é por elas reconhecido e, conseqüentemente, não é conhecido. Não seria difícil indagar se, então, as demais ciências conhecem de fato. A filosofia ao não possuir o dito ‘poder’ reconhece a impossibilidade do pressuposto que não passa pelo ser posto ou que não se torne efetivo senão pelo ser mediado. Desse modo, a filosofia ‘pode’ pretender conhecer, pois não é simples pretensão senão função que evoca para si. Em outras palavras a filosofia quer o seu fazer e, para tanto, precisa reconhecer para conhecer. Contrariamente as demais ciências pressupõem “seus objetos como imediatamente dados”<sup>3</sup>, ou seja, como se aí sempre estivessem e não como estando porque são assim reconhecidos. “Sob as compreensões conceituadas enquanto racionais da filosofia, que permite, que a filosofia confronte numa relação o material das ciências especializadas, principalmente, ao reconhecer além do filosófico.” (FULDA, 2003, p. 132)

A assunção imediata do dado é a pretensão de conhecer o que é sem a necessidade de qualquer tradução ou é ainda a pretensão de inibir toda e qualquer adulteração do que se procura conhecer. Para Hegel, o que é dado imediatamente é o que é tomado como o que existe por si, sem a necessidade de relação alguma. Além disso, é algo que não vem a ser, mas já está aí. Novamente isso caracteriza uma pressuposição e o que se antecipa ao seu reconhecimento. No entanto, o pressuposto deveria se dar por si mesmo, porém não é o que ocorre porque necessita que seja reconhecido. O reconhecimento não é senão a ação do que reconhece e que o traz à efetividade sendo desse modo uma mediação pela qual o que é vem a ser. Desde a perspectiva hegeliana o ser se caracteriza pelo vir-a-ser,

---

<sup>3</sup> HEGEL, 1995, §1.

pelo tornar-se. Daí, o que é, é o que vem a ser e tem sua efetividade precisamente em seu deixar de ser ou na insuficiência de si enquanto si. Portanto, faz-se necessário que o que é passe ao seu contrário para que possa participar, realizar, efetivar o ser. Dessa forma o ser não se configura enquanto o que está, mas somente como o que é e o que é, é o que vem a ser. O ser é processo, é desenvolvimento constitutivo que se confirma como uma auto constituição, ou seja, como auto pôr-se que nega o que está pronto.

Há algum modo de entender a realidade tal que poderia conter o conceito de sua própria estrutura e desenvolvimento? De fato, essa questão nos proporciona uma importante perspectiva para considerar os escritos filosóficos de Hegel. (...) nós podemos ver que o sistema filosófico de Hegel terá que nos proporcionar o plano do desenvolvimento da realidade enquanto tal. Esta é a tarefa de sua própria filosofia e de sua lógica em particular é nos fornecer a ideia de uma realidade auto realizadora, assim como nossa ideia de uma planta nos permite vê-la como uma entidade auto realizadora. (WARTENBERG. 1996, p, 110)

O dado assumido pelas demais ciências é o que é obtido pela representação ou pela realização do que se toma como presente. Então, a representação já é uma realização ou já é um meio pelo qual o que se deseja conhecer é reconhecido. Por outro lado, a representação é também uma apreensão que se entende imediata. Em Hegel a representação encerra sempre a carência de quem não apreendeu ainda o processo, mas repousa no que aparece, no que se expõe, na “verdade”, no que é exposto e, conseqüentemente, aceita o ser por inteiro, pleno no momento de sua constatação. Deve-se acrescentar ainda que a representação se restringe à apreensão de algo que aí está e sua manifestação quando é apreendida como totalidade. Aqui a apreensão é a atenção ao que aparece em detrimento do que empreende a apreensão.

O gozo das demais ciências dar-se-ia também, segundo Hegel, pelo “e também como já admitido o método do conhecer – para começar e para ir adiante”.<sup>4</sup> As demais ciências saberiam de antemão qual o caminho para o conhecimento que serviria como ponto de partida, de desenvolvimento e de chegada. Um objeto pressuposto evoca obrigatoriamente a pressuposição do método para conhecê-lo na medida em que o objeto exige que seja a partir dele e de suas características que sua apreensão se dê adequadamente.

---

<sup>4</sup> HEGEL, 1995. §1.

O método sabido de antemão é o caminho pré-determinado que se apresenta como o percurso a ser trilhado sem que haja a necessidade de se estabelecer por onde e para onde ir. Trata-se da simples reação sobre o caminho que sempre esteve aí e que acompanha obrigatoriamente o objeto que nele se encontra. Ao contrário, a filosofia não tem o método previamente determinado, pois como não sabe previamente o que estuda, ou seja, como não tem claro seu objeto também não sabe como chegar ao que quer que seja. Platão já advertira em suas considerações em relação à virtude que indagar sobre ela implica em dois direcionamentos distintos: o que significa perguntar sobre o significado de algo? Se a resposta já é sabida, então qual o sentido da pergunta? Por que procurar o que já se tem? Por outro lado, se não se sabe a resposta sobre o que se pergunta, então o que procurar se não se tem qualquer indicação? Para Hegel a situação apenas colocada é considerada desde a perspectiva da relação entre o que conhece e o que é conhecido, isto é, do sujeito e do objeto. Sujeito e objeto, o que quer conhecer e o possível conhecido, travam uma relação caracterizada tanto pela identidade quanto pela diferença. Por um lado, conhecem-se se reconhecendo por alguma aproximação e também, ao mesmo tempo, pela diferença. Nesse sentido, o sujeito não conhece o objeto, mas também o conhece e isso precisamente pela duplicidade do conhecer que vem do desconhecer e do desconhecer que vem do conhecer. Em outras palavras, conhecer é desconhecer e desconhecer é conhecer. Nem o conhecer nem o desconhecer encontram-se enclausurados em si mesmos ou em suas situações. O ser de um se dá pelo ser do outro. Portanto, o sujeito é sujeito em relação ao objeto e vice-versa. A relação revela a completude e concomitantemente a incompletude. Daí, o caminho, o método é construído no ato de caminhar e o objeto se revela e é revelado nesse mesmo processo de construção. Nem o objeto se antecipa ao método pelo qual é apreendido nem o método condiciona a apreensão do objeto. De certo modo a filosofia está completamente perdida porque não sabe por onde começar assim como também não sabe até onde vai. Não é à toa que a filosofia é freqüentemente identificada com o desconhecido, o incompreensível, o estar no mundo da lua. Esta desorientação é a condição pela qual se serve a filosofia para estabelecer toda a sua orientação, o *locus* e as referências para seu ir e vir. A filosofia põe sua própria realidade, ou melhor, ela põe a realidade e não somente a recebe por herança nem como despojo de um outro conquistador que não seja o próprio querer humano e um querer sobre algo, portanto, não indiscriminado nem arbitrário. Nas *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*, Hegel dirá que “a filosofia é seu tempo apreendido em pensamentos”.<sup>5</sup> E ainda mais

---

<sup>5</sup> HEGEL, 2010, Prefácio, p. 43.



A tarefa da filosofia está em conceituar o que é, pois o que é, é a razão. No que concerne ao indivíduo, cada um é de toda maneira um filho de seu tempo; assim a filosofia é também seu tempo apreendido em pensamento. É tão insensato presumir que uma filosofia ultrapasse seu mundo presente quanto presumir que um indivíduo salte além de seu tempo, que salte sobre Rhodus. Se sua teoria de fato está além, se edificar um mundo tal como ele deve ser, este mundo existe mesmo, mas apenas no seu opinar, - um elemento maleável em que se pode imaginar qualquer coisa.<sup>6</sup>

Se por um lado, a filosofia não se rende ao dado ou não assume o imediato, por outro lado, ela também não põe o dado arbitrariamente tão somente segundo seus interesses não levando em consideração as relações que estabelece. Hegel insiste que o pensar deve ser o pensar do que é, pois o que é, é a razão e a razão está no que é e é pensado. Não se trata, portanto, de um pensar livresco ou de mera atividade reflexiva, mas de apropriação do conteúdo histórico cuja expressão se dá nas mais diferentes formas de experiência. A apreensão abstrata se dá pelo enstimesmamento do pensamento que se furta a toda inserção possível na entendida diminuição que se daria no mundo exterior. Conforme Hegel compreende, essa é a cisão entre ser e pensar pela qual um e outro permanecem separados e irreconciliáveis. A identificação pretendida por Hegel relaciona realidades que passam a se constituir uma pela outra. Assim, a filosofia atenta para si atentando para a história, para as manifestações do ser. Esse atentar mais do que conhecer um outro é muito mais um ver-se pelo outro e no outro.

O olhar do espírito somente à força poderia ser dirigido ao terreno e ali mantido. Muito tempo se passou antes de se introduzir na obtusidade e perdição em que jazia o sentido deste mundo, a claridade que só o outro mundo possuía; para tornar o presente, como tal, digno de interesse da atenção que levam o nome de experiência.<sup>7</sup>

As demais ciências não se vêem separadas da realidade, mas identificadas de uma tal forma com a realidade que nenhuma distinção é sequer reconhecida. Aqui não se considera a possibilidade de se estar fora da realidade. Assume-se como necessário que o objeto estudado não é aleatoriamente posto e, sim,

---

<sup>6</sup> HEGEL, 2010, Prefácio, p. 43.

<sup>7</sup> Hegel. 2005, §8.

constatado. A filosofia, em contrapartida, precisa se reconhecer no fora de si e aí se ver. Isso é feito na medida em que ela se estranha diante do mundo e o próprio mundo estranha a filosofia. Esse mútuo estranhamento caracteriza num momento a dissociação e num outro a associação. A filosofia se vê e é vista no mundo de modo que age e interage em relação ao que pode ser. Ela não se resigna ao papel de coadjuvante, mas se atreve à co-participação pela qual ela se faz e se realiza.

### **A universalidade da filosofia**

Apesar de sua desorientação inicial ou de sua possibilidade de ser, a filosofia tem, para Hegel, “Em primeiro lugar, (...), de fato, seus objetos em comum com a religião”.<sup>8</sup> Filosofia e religião são postas na mesma posição com respeito ao objeto que uma e outra considera. Aparentemente filosofia e religião estariam juntas, mas se assim fosse a religião também se encontraria perdida e desorientada. Contudo, a tradição religiosa se funda sobre a explicitação de um caminho e, mais ainda, teve esse caminho revelado. O caminho não foi dado sabe-se lá de onde e por quem não se reconhece. Não. A religião é portadora da maior e melhor orientação possível da qual todas as outras não passam de meras tentativas e de esforços efêmeros. O ponto em comum é o objeto, o que consideram, sobre o que se detém. No entanto, Hegel já afirmou que a filosofia não participa do gozo das demais ciências por saber previamente de seu objeto. Estaria ele aplicando isso também à religião? Parece que em parte sim, porque a religião sabe “o que”, porém não “o como”. A religião precisa empreender a deliberação sobre como o caminho será trilhado. Por outro lado, a religião parece não escapar da crítica dirigida às demais ciências enquanto assume seu objeto, ou melhor, ela o recebe tanto quanto as ciências. De certo modo o ponto em comum entre a filosofia e a ciência muito mais afasta uma da outra do que as reúne. A religião por receber seu objeto não irá além da crença de tê-lo enquanto a filosofia, movida pelo desejo de tê-lo, poderá obtê-lo, pois não o receberá, mas irá ao encalço dele. “O espírito da religião manifesta ainda não ultrapassou sua consciência como tal; - ou, o que é o mesmo - sua consciência-de-si efetiva não é o objeto de sua consciência.”<sup>9</sup>

A procura da filosofia pelo seu objeto se dá para além de sua interioridade ou fora de si, porém ela se apropria de seu objeto quando se vê nele e o vê em si. A filosofia, segundo Hegel, não permanece tão somente arauto de seu objeto, mas

---

<sup>8</sup> HEGEL, 1995, §1.

<sup>9</sup> HEGEL, 2005, §788.

é ela mesma o objeto. É desse modo que, para Hegel, a filosofia deixa de ser pretensão à ciência para se tornar ciência de fato. É aqui que reside a verdade do objeto, isto é, em si e para si. Aliás, é a verdade, conforme o próprio Hegel, que também aproxima filosofia e religião. “As duas têm a verdade por seu objeto, decerto no sentido mais alto no sentido de que Deus é a verdade, e só ele é a verdade.”<sup>10</sup> Filosofia e religião querem a verdade e a querem em sua expressão maior que é Deus e porque a verdade se dá em sua plenitude em Deus ela é o que é enquanto tal somente aí. Deus é a realidade em sua aceção completa, pois com Deus se está no limite do ilimitado, ou seja, não há o que possa ser concebido como um além desse além. A religião toma Deus como a verdade na qual a compreensão de tudo e do todo se encontra.

O absoluto hegeliano é (...) expressamente reconhecível, e coincide, em última instância, com o conhecer. É um momento integral do movimento lógico e nesse sentido; Hegel o denomina como tal na Enciclopédia as determinações lógicas acima de tudo definições do Absoluto, de fato as definições metafísicas de Deus. (HOFFMANN, 2004, p.47)

Hegel vê a necessidade de Deus por ser este a tradução da verdade que necessita ter seu caráter e alcance do absoluto. “O verdadeiro é o todo.”<sup>11</sup> O todo somente pode ser pensado, efetivado, em Deus, no absoluto. Não há o que possa se encontrar fora desse. O absoluto para ser o que é e por ser o que é abarca seu contrário ou o que possa negá-lo. Mais ainda abarca-se a si mesmo sendo forçosamente tudo em todos e tudo em tudo. As diferenças não deixam de existir e as mais diferentes manifestações não cessam, mas são muito alimentadas na medida em que são constitutivas do todo através da multiplicidade de expressões. Tanto a filosofia quanto a religião contribuem para a exposição do absoluto, pois cada uma delas é momento do absoluto. A religião mostra que apreende o absoluto diferentemente ao longo de sua existência e a filosofia explicita que a apreensão que compartilha com a religião é muito mais sua construção. Se, por um lado, o absoluto não se deixa esgotar pelas suas apreensões, por outro lado, ele se dá em cada momento em que é apreendido.

(...) o absoluto hegeliano tem de ser concebido como auto movimento autossuficiente. O problema fundamental da

---

<sup>10</sup> HEGEL, 1995, §1.

<sup>11</sup> HEGEL, 2005, §20.

metafísica já não se divide, como no caso de Aristóteles, no problema da unidade e no problema da separação, senão tão somente no da unidade dialética. Hegel afirma: não há *Trennung* (separação), mas *Unterscheidung* (diferenciação). (ARSENIO GUINZO, 1986, p.9)

Faz-se necessário dizer que do ponto de vista da filosofia o absoluto não contempla o que é e o que existe dando-lhe um sentido, mas que o ponto de vista do absoluto não é outro que a vista do mundo. “Os olhos com os quais Deus nos vê são os mesmos olhos com os quais nós o vemos.”<sup>12</sup> Hegel aponta que “(...) ambas tratam do âmbito do finito, da natureza e do espírito humano, de sua relação recíproca, e de sua relação com Deus, enquanto sua verdade.”<sup>13</sup> Filosofia e religião consideram também igualmente da finitude, do natural e do homem. Com isso Hegel reconhece que filosofia e religião têm seu terreno de ação no contraponto ao infinito. Mesmo assim a consideração da filosofia e da religião não é posta por Hegel em pé de igualdade, pois a religião mantém a cisão finito-infinito com sua superação na infinitude. A religião não nega o finito, mas contempla sua realização fora de si, isto é, no infinito. A filosofia em contrapartida vê a verdade do finito no infinito assim como a verdade do infinito no finito. Não há como o infinito ser o que é se não assumir a si mesmo no seu ser outro, o finito. Não sem razão Hegel denominou a obra com a qual ingressou no cenário filosófico de sua época *Fenomenologia do Espírito* cujo primeiro título teria sido “A experiência da consciência”. Por isso, os momentos do finito, do natural e do humano são cuidadosamente apresentados para que se perceba aí o desenrolar do ser ciente de si. Os momentos do finito, do natural e do humano são momentos do infinito e não somente momentos para o infinito. O aspecto curioso aqui é que Hegel menciona o finito e logo, em seguida, faz menção da natureza e do espírito humano. Estariam a natureza e o espírito humano dissociados do finito? De certa forma sim porque eles rompem a forma do finito pelo conteúdo do infinito que podem representar. Na medida em que a natureza e o espírito compreendem em si o infinito eles são elevados à dimensão da infinitude e, portanto, rompem seus próprios limites. A supressão (*Aufhebung*) da natureza e do espírito humano é a assunção de ambos no absoluto do infinito. “O conteúdo do representar é o espírito absoluto, e o resta ainda a fazer é só o suprassumir dessa mera forma [da objetividade], ou melhor, já

<sup>12</sup> ECKHART, *Da divina consolação*.

<sup>13</sup> HEGEL, 1995, §1.

que pertence à consciência como tal, sua verdade deve já ter-se mostrado nas figuras da consciência.”<sup>14</sup>

A filosofia e a religião tratam ainda da relação que travam entre si e com Deus.<sup>15</sup> A religião tem a filosofia como meio para seu conteúdo e a filosofia tem a religião como o conteúdo para ser o que é, isto é, realização última da verdade. O que na religião seria somente uma forma da representação é, agora, na última figura do espírito, o próprio espírito. Essa última figura é a figura do saber absoluto e a forma do próprio é o conceito que se ergue a partir de todas as outras figuras da consciência como ciência. Os momentos que precedem o saber absoluto apresentam cada um deles a contradição que os move para além de si mesmos. No saber absoluto a contradição é o próprio ser do saber absoluto que não é impulsionado para além de si, mas para os anteriores que ao abandonarem a contradição abandonam-se e se tornam o absoluto. O conteúdo do saber absoluto não é senão o que ocorre no tempo e no espaço, na natureza e na história, no movimento em direção a um fim estabelecido. Assim como cada figura da consciência funda aquela que irá além dela, o saber absoluto é o que é posto além de si no aquê de si, ou seja, em cada uma das figuras que teria ficado para trás, mas que, na verdade, foram trazidas adiante. O que seria desprezado pelas figuras anteriores ao saber absoluto é, por este, assumido. “Por essa razão deve-se dizer que nada é sabido que não esteja na experiência; - ou, como também se exprime a mesma coisa - que não esteja presente como verdade sentida (...).”<sup>16</sup> O saber absoluto é o reconhecimento de si no ser outro de si não somente como suas representações, mas como o quê no qual se reconhece. É por essa perspectiva que a religião conhece a filosofia, mas a filosofia se reconhece na religião. Se a verdade de ambas é Deus, então resta saber se essa verdade é vista em comum pela religião e pela filosofia. Pelo exposto até o momento deve-se insistir que para a religião a verdade é e está em Deus enquanto que para a filosofia a verdade vem a ser em Deus.

A verdade do finito consiste muito mais em sua idealidade, ou seja, o finito não tem uma existência autônoma e independente, senão que seu destino consiste em ser momento do verdadeiro infinito. E com isso se inverteria o sentido habitual dos termos realidade e idealidade. Se costuma considerar o finito como o real, enquanto que o infinito equivaleria muito mais ao ideal. Porém, para Hegel, o verdadeiramente real é o infinito (negação da

---

<sup>14</sup> HEGEL, 2005, §788.

<sup>15</sup> HEGEL, 1995, §1.

<sup>16</sup> HEGEL, 2005, §802.

negação), enquanto que o finito existiria idealmente no verdadeiro infinito na medida em que renuncia a uma existência autônoma, contraditória em si, e se converte no momento desse infinito. (ARSENIO GUINZO, 1986, p.14)

Para a filosofia, segundo Hegel, importa mais o caminho como um fim em si do que o fim que submete o caminho. A contraposição vista por Hegel é a que se estabelece entre o apreender o que é e o ser do apreender, isto é, entre ser receptor e o saber da recepção.

Pela relação que a filosofia guarda com a religião parece, então, possível que ela “(...) bem pode, e mesmo deve, pressupor uma familiaridade com seus objetos, como, aliás, um interesse por eles (...)”.<sup>17</sup> Há certos objetos que parecem se identificar com a filosofia na medida em que ela é compreendida como o exercício do divagar, do argumentar, do considerar generalizado. A indeterminação do ser da filosofia a habilitaria ao trato com o também indeterminado ou que, pelo menos, poderia ser objeto de disputa. Com isso a filosofia pode estabelecer pressuposições e assumir as determinações que lhe seriam inerentes. O que é tido como não sabido porque parece abandonar o porto seguro do que “sempre esteve aí” para singrar as águas do “vejamos o que pode ser” situa a filosofia no cais daqueles que rebocam manifestações subjetivas. O interesse da filosofia também seria justificado por essa generalidade que não estabelece mais que curiosidades intelectuais ou diletantismo relaxante. Isso tudo porque, conforme o próprio Hegel, “(...) já pelo motivo de que a consciência faz para si ao tempo representações dos objetos, antes de (fazer) conceitos deles, o espírito pensante só por meio do representar e voltando-se para ele [é que] avança até o conhecer e o conceber pensantes.”<sup>18</sup> A filosofia, assim como as demais ciências, é uma manifestação da consciência, que apreende o mundo para si, que faz sua representação do mundo, dos seus objetos de consideração tornando tudo resultado de sua ação e tudo colocando no âmbito de sua experiência. Há que se iniciar o contato com o objeto, com o mundo de alguma maneira e é isso que permite que tanto o mundo quanto os objetos de interesse sejam efetivados. O contato inicial aparece como um imediato e por isso é tomado como o que deve ser acolhido e sobre o qual não se opera senão sua recepção. Para as demais ciências o representar é expor a própria coisa. Para a filosofia a representação também é a coisa mesma, mas somente quando se reconhece que na representação a coisa toda não se esgota porque exige que sua apreensão seja tomada como a

---

<sup>17</sup> HEGEL, 1995, §1.

<sup>18</sup> HEGEL, 1995, §1.

perspectiva daquele que apreende e que igualmente seja vista como tal, isto é, que a coisa mesma se dá no processo de seu vir-a-ser.

O objeto é assim, de uma parte, ser imediato, ou uma coisa em geral, o que corresponde à consciência imediata. De outra parte é um tornar-se outro de si, sua relação ou ser para outro e ser-para-si: a determinidade – o que corresponde à percepção. [E ainda] por outra parte, é essência ou é como universal, o que corresponde ao entendimento. Enquanto todo, o objeto é silogismo ou o movimento do universal, através da determinação para a singularidade – como é também o movimento inverso da singularidade, através da singularidade como suprassumida, ou da determinação, para o universal.<sup>19</sup>

É na volta ao representar que se avança para além dele para o conhecer e o conceber pensantes. Esse é, em Hegel, o momento da consciência consciente de si, ou do saber que se sabe, ou ainda da consciência que se afirma como consciência por adquirir o conhecimento de si no que se torna consciente, ou seja, no reconhecimento de si no que seria um outro de si e para si. Ao se voltar, ao retornar, ao se debruçar sobre o que vê do que é visto, a consciência se encontra consigo mesma vendo o todo de si no todo sobre o qual se desdobra. A superação do momento da representação é a superação do ensimesmamento que a consciência sustenta ao se ver tão somente fora de si. Contudo, a representação já é um momento do conhecer assim também como do conceber pensante os quais se efetivam a partir da assunção dos mesmos. O conhecer enquanto saber o ser ou o que é, se dá pelo saber do que vem a ser como o que se concebe no sentido de ser gerado, gestado e que se constitui enquanto tal pelo desenvolvimento crescente e afirmativo.

### **Filosofia como o pensar do pensar**

“Mas no considerar pensante logo se constata que isso inclui em si a exigência de mostrar a necessidade do seu conteúdo, de provar tanto o ser como já as determinações do seu objeto.”<sup>20</sup> Não basta ao pensar que se pretende como o mais adequado indicar as limitações e restrições da representação, mas é também forçoso que se demonstre a sua própria necessidade, a necessidade do

---

<sup>19</sup> HEGEL, 2005, §789.

<sup>20</sup> HEGEL, 1995, §1.

conhecimento e do conceito e a realidade de seu objeto de consideração. Ao contrário da representação que assume a realidade como dada, o “considerar pensante” encontra-se premido entre a necessidade e a prova. Em primeiro lugar deve mostrar que essa consideração específica se justifica e se põe como o que não pode deixar de ser. Já entre os pré-socráticos pode-se reconhecer o convite ao extrapolar o observado e ao procurar a determinação pelo *logos*. Muito embora não se possa excluir *logos* em momentos históricos que precedem o período dos primeiros físicos gregos, deve-se dizer que o *logos* é efetivado quando da sua consciente e desejada determinação. Platão ilustra isso de forma primorosa em sua obra “A República” com destaque especial ao livro VII conhecido como ‘O mito da caverna’ na qual se relata o curso daquele que é tirado de uma compreensão da realidade a uma maior e melhor consideração dela. Platão confronta o sensível com o inteligível e situa nesse último a possibilidade de acesso à realidade em sua totalidade. É bem verdade que a dicotomia estabelecida por Platão será vista por Hegel como algo que precisa ser superado, porém Hegel concorda com Platão de que é na idéia que o ser tem a sua realidade. “O pensamento surge-nos, antes de mais, como formal, o conceito como pensamento determinado; a Ideia é o pensamento na sua totalidade, o pensamento em si determinado. A Ideia é o verdadeiro em geral e apenas o verdadeiro.”<sup>21</sup> Em segundo lugar o considerar pensante precisa comprovar que o pensamento, seu conteúdo, é pertinente, pois “O produto do pensar, o pensamento em geral, é o objeto da filosofia.”<sup>22</sup> A empreitada de convencimento é uma tarefa da filosofia que não se beneficia do fato de que o pensamento seja tomado como realidade e efetivação maior da mesma. Ao contrário, a filosofia é confrontada com a compreensão de que ela lida com abstrações e, estas não possuem grande pertinência à vida. “Constitui um preconceito habitual pensar que a ciência filosófica tem apenas a ver com abstrações, universalidades vazias; que, pelo contrário, a intuição, a nossa autoconsciência empírica, o sentimento de si, o sentimento da vida é o concreto em si, o determinado e rico em si.”<sup>23</sup> A reação hegeliana resulta do que se reconhece sobre a compreensão da filosofia.

Na realidade, a filosofia encontra-se no âmbito do pensamento; tem assim a ver com universalidades. O seu conteúdo é abstrato, mas só segundo a forma, segundo o elemento; em si mesma, porém é a idéia essencialmente concreta, a unidade de determinações diversas. É nesse ponto que o conhecimento da

---

<sup>21</sup> HEGEL, 1991, p. 79.

<sup>22</sup> HEGEL, 1991, p. 79.

<sup>23</sup> HEGEL, 1991, p. 29-30.



razão se distingue do simples conhecimento intelectual, e o afazer do filosofar é mostrar, contra o entendimento, que o verdadeiro, a Idéia, não consiste em universalidades vazias, mas num universal que é em si mesmo o particular, o determinado.<sup>24</sup>

Hegel ainda não avança muito em relação à posição denominada por ele como ‘preconceituosa’ na medida em que a reação acima é apresentada como tal. A perspectiva hegeliana começa a ganhar corpo e a se opor frente ao preconceito na medida em que a filosofia considera a vida em suas diferentes expressões que podem ser reunidas sob o tema da história. Essa é, em Hegel, essencialmente atividade humana e ali se encontra o que o homem fez e faz. A história é a realidade e a filosofia ao se deter sobre a história considera o que deve ser acatado, isto é, a realidade. As formas de consideração da história, da realidade que veem a filosofia preconceituosamente ficam limitadas à apreensão imediata, mas a filosofia opera a mediação pelo pensamento que vai além do intelectualismo porque apresenta o que é, o real em todas as suas dimensões expondo as determinações que o constituem. Assim, o pensar sobre o real é o pensar do real por saber o que esse outro é em si para si.

(...) ao mergulhar no conteúdo tão diverso das ciências empíricas, Hegel não renegava de modo algum seu projeto filosófico de unidade cabal; muito ao contrário. Essas ciências não retinham sua atenção embora fossem empíricas, mas porque eram empíricas. Criticava-as por não serem suficientemente empíricas, nem bastante fiéis à intuição sobre a qual pretendiam fundar-se. A intuição antecipa a especulação racional; seu conteúdo exprime que a razão aparece necessariamente na experiência; que o pensamento é. (BOURGEOIS, 1995, p.405)

Eis o conceito que não é senão o saber o real como resultado, processo que no fim, na sua conclusão ou forma assumida, determinada revela sua universalidade na relação com o que o faz. “O pensamento nada é de vazio, de abstrato, mas é determinante e, claro está, a si mesmo se determina; ou o pensamento é essencialmente concreto. A este pensamento concreto chamamos conceito.”<sup>25</sup> O pensar que não se determina não passa de mero intelectualismo ou abstração vazia na qual com propriedade não se pode afirmar nada de concreto. A

---

<sup>24</sup> HEGEL, 1991, p. 30.

<sup>25</sup> HEGEL, 1991, p.80.

determinação é a forma e o conteúdo do pensar que é a efetiva exposição do que é. Por isso, o pensar que é abstrato é concreto e o que é concreto é abstrato. A abstração do pensar é a apresentação da concretude e a concretude é plenamente apresentada tão somente na abstração. O pensar determinado é o que atenta para o que ocorre em todas as suas manifestações e quanto mais for assim apreendido tanto maior será ciência do que é. Se a consciência plena do que é só pode ser obtida pelo absoluto, então é necessário que a totalidade que é o absoluto seja realizada pela relação ou pelo encontro das consciências. Lembre-se que no início de sua *Ciência da Lógica* Hegel indica que o ser se confirma enquanto tal através e pelo seu outro, o nada. Com isso o pensar determinado deve ser compreendido como um pensar que se determina pela afirmação do pensado. As posições adversas ficam do lado do pensar que faz do pensado somente sua atividade e as que ficam do lado do pensado sustentam que o pensar não é mais do que observação e descrição. A posição hegeliana é sempre a da relação entre o pensar e o pensado ou do encontro entre duas expressões do mesmo todo. Estabelecer a relação como necessária é no máximo permitir pressuposições e asserções que não são suficientes para determinar o objeto considerado. “Aquele trato com estes aparece, pois, como insuficiente, e o fazer ou permitir *pressupostos* e *asserções*, como inadmissível.”<sup>26</sup> A familiaridade, o trato (*Bekanntschaft*) não garantem a apropriação do familiarizado nem do tratado, pois o que sabe não é mais do que um circular e circundar o objeto sem chegar ou atingir o mesmo. A filosofia precisa, conforme Hegel enfatiza no Prefácio à “Fenomenologia do Espírito”, ir além de seu amor pelo saber para se tornar saber de fato. O saber de fato é também o fato do saber, ou ainda, o saber do objeto mesmo, cara a cara, reconhecendo o conhecido.

A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência – da meta em que deixe de chamar-se *amor* ao *saber* para ser *saber efetivo* – é isto o que me proponho. Reside na natureza do saber a necessidade interior de que seja ciência, e somente a exposição da própria filosofia será uma explicação satisfatória a respeito. Porém a necessidade *exterior* é idêntica à necessidade *interior* – desde que concebida de modo universal e prescindindo da contingência da pessoa e das motivações individuais – e consiste na figura sob a qual uma época representa o ser-ai de seus momentos. Portanto a única justificação verdadeira das tentativas, que

---

<sup>26</sup> HEGEL. 1995, §1.

visam esse fim, seria mostrar que chegou o tempo de elevar a filosofia à condição de ciência; pois, ao demonstrar sua necessidade, estaria ao mesmo tempo realizando sua meta.<sup>27</sup>

A familiaridade (*Bekanntheit*) também não interessa à filosofia, pois ela caracteriza somente uma relação de proximidade, de exterioridade, isto é, do ver de fora como algo que julga entender o que algo possa ser sem, no entanto, ter a certeza desse saber. O familiar deixa de ser somente um estranho para ser minimamente identificado, porém permanece algo inesperado, desconhecido. É no máximo algo pensado sem que nesse pensar o seu ser possa estar contido. Portanto, a familiaridade é o desconhecer a coisa e sabê-la somente para o conhecedor, mas em si ela continua a ser inacessível. Além disso, a familiaridade não passa de um saber prévio que pressupõe, que assevera o que algo é porque ainda se encontra no estágio unilateral daquele que vê e julga a partir do que vê e reduz o visto ao seu ato de ver. Aqui a relação não se estabeleceu e a apreensão está amparada na posição de quem vê, mas ainda não se deixou possuir pelo visto. Trata-se de um querer saber sobre algo que se antecipa ao que será e pode ser sabido. É compreensível que o início do processo de saber assuma algumas referências, pois não se parte de um ponto isento ou desprovido de determinações. Não sem razão afirma Hegel ao início de sua *Ciência da Lógica*: “Somente nos tempos modernos surgiu a consciência de que é difícil encontrar um começo para a filosofia (...)”<sup>28</sup> e ainda “O começo na filosofia deve ser (mediado) ou imediato, e é fácil demonstrar que não pode ser nem um nem outro; de modo que ambas as maneiras de começar se concentram sujeitas a refutação”.<sup>29</sup> Não se começa de qualquer lugar nem de qualquer modo nem em qualquer momento, mas sempre desde uma certa posição, de certa forma e num determinado tempo sendo tais referenciais nem sempre conhecidos e, por conseguinte, menos ainda reconhecidos. “Para Hegel um pouco de pensamento afasta da experiência, muito pensamento a ela conduz.” (BOURGEOIS, 1995, p.406) O começar pelo imediato já é necessariamente o começar mediado, ou seja, o começar que se põe, que se escolhe e, desse modo, que se assume. Nas palavras de Hegel ao final do parágrafo 1 da *Enciclopédia* “Mas a dificuldade de instituir um começo apresenta-se ao mesmo tempo, porque um começo, como algo imediato, faz sua pressuposição; ou melhor, ele mesmo é uma pressuposição.”<sup>30</sup> Talvez se possa dizer que o começo na filosofia evoca o reconhecimento de que não há começo previamente estabelecido por si só e, nesse sentido, não há na verdade começo

---

<sup>27</sup> HEGEL, 2005, §63

<sup>28</sup> HEGEL, 1968, p.63 (Tradução do autor)

<sup>29</sup> HEGEL, 1968, p.63 (Tradução do autor)

<sup>30</sup> HEGEL, 1995, §1.

algum. Não há um começo que possa ser conhecido, mas há um começo que pode ser reconhecido. Em outras palavras o começo é dado e não apreendido; é reconhecido como tal, porém não forçado por sobre quem o reconhece porque é em si somente enquanto é para si num outro e por um outro. Essa é a grande desvantagem da filosofia perante as demais ciências, ou seja, não saber previamente por onde começar e ter que determinar qual o começo sem que tenha outra comprovação a respeito de sua escolha que não seja o exercício do querer que se sabe assim e se quer assim. Essa é a efetivação do agir livre que precisa se confrontar com a arbitrariedade e a indeterminação que podem permear sua opção. No início do parágrafo 2 Hegel explicita o que já fica aludido no parágrafo 1 sobre o objeto da filosofia que é a consideração pensante. No pensamento todo e qualquer começo parece caber e, de fato, assim é, porém nem toda possibilidade pode e muitas vezes nem deve ser contemplada porque não se trata de uma consideração sobre o próprio pensar ou não é o considerar pensante que se detém sobre si. O objeto de consideração do pensar é o ser em suas manifestações ou ele mesmo que constitui o conteúdo de apreço. O começo não se determina pela eleição do ponto de partida, mas, sim, reside no interesse que move a consideração pensante.

Além do que, por residir a filosofia essencialmente no elemento da universalidade – que em si inclui o particular –, isso suscita nela, mais que em outras ciências, a aparência de que é no fim e nos resultados últimos que se expressa a Coisa mesma, e inclusive sua essência consumada; frente a qual o desenvolvimento [da exposição] seria, propriamente falando, o inessencial.<sup>31</sup>

Certamente a escolha diz muito sobre o que é escolhido, mas igualmente diz muito sobre o ato da escolha. Este se dá por motivações que ressoam naquele que escolhe sendo impulsionado pela sua compreensão, sua intenção e seu fazer. É nesse sentido que se pode afirmar que o começo é muito mais um resultado, isto é, o começo já é um resultado. Sua determinação é a efetivação do porquê, do como e do para quê. O começo é a expressão de um percurso já realizado e que tem no momento do começar sua conclusão. Assim, pode-se e deve-se indagar; por que a ciência e por que a filosofia?

## Conclusão

Aristóteles afirma em sua *Metafísica* que os homens foram levados a filosofar movidos pela admiração e acrescenta que quem admira julga ignorar. Na

---

<sup>31</sup> HEGEL, 2005, §1.

base do saber ou do desejo de saber está a ignorância como possibilidade para a superação do próprio ignorar. Sócrates já havia iniciado essa tradição pelo saber que sabe que não sabe de modo a criar as condições para o saber. É com o despojamento de si que inclui todo e qualquer condicionamento que direciona o saber que o saber se efetiva, pois reconhece seus apoios e referências que podem antecipar ou pré-determinar a si mesmo como saber. Hegel parece levar às últimas conseqüências as perspectivas socráticas e aristotélicas na medida em que o fazer filosófico não é tomado como atitude natural nem espontânea. Contudo, Hegel dá ainda um passo atrás em relação aos gregos antigos ao submeter o fazer filosófico ao mesmo fazer, pois este não pode ser tomado como necessário nem possível. Desse modo, para que o fazer filosófico possa ser um saber de fato é obrigatório que seja demonstrado e provado como relevante e indispensável. Por isso, a filosofia tem todas as condições de se responsabilizar pelo que faz, mas não porque o responder pelos seus atos seja uma decorrência de suas preferências que implicam num certo ônus, mas sim porque o ser responsável é também posto pelo próprio fazer filosófico. Não sem razão poder-se-ia dizer que a filosofia é, em Hegel, a realização e o exercício da liberdade, conforme já mencionado ao longo do texto, que quer o que faz e não faz somente o que quer.

A ciência, por sua vez, é uma forma histórica do conhecimento que se tornou hegemônica nos últimos séculos e serve até de baliza para outras formas que se pretendem também expressão do conhecer. No entanto, a atualidade tem posto ressalvas ao conhecimento científico e tem também restabelecido o status de antigas formas de conhecimento. Trata-se de uma situação propícia à própria ciência para demonstrar e confirmar sua pertinência e necessidade. Os cientistas têm a oportunidade ímpar de reviver o desafio enfrentado pela ciência para se estabelecer como forma de conhecimento frente aos modelos então vigentes num passado longínquo e que viam a ciência com grande suspeita. A ciência já experimentou o tratamento de desconsideração por parte das formas uma vez aceitas de conhecimento e também dispensou igual tratamento às formas que entende haver superado. Agora surge a chance de superar sua atitude de superação e adotar a suprassunção hegeliana que nega, vai além e traz consigo as demais formas de conhecimento.

## Referências

GUINZO. A. “Em torno a la Filosofía de la Religión de Hegel”. In: HEGEL, G.W.F. *El concepto de Religión* (Trad. de Arsenio Grinzo). Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1981.

- BOURGEOIS, B. “A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*”. In: HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830) (Trad. de Paulo Meneses et al.) São Paulo: Loyola, 1995.
- EMUNDT. D., HORSTMANN. R.P. G.W.F. *Hegel. Eine Einführung*. Stuttgart: Reclam, 2002.
- LUCAS. H.C. „Zum Problem der Einleitung in Hegels enzyklopädisches System. Vorreden, Einleitung und Vorbegriff“. In: *Hegels enzyklopädisches System der Philosophie: Von der Wissenschaft der Logik zur Philosophie des absoluten Geistes*. Herausg. von Hans Christian Lucas, Burkhard Tüschling u. Ulrick Vogel. Stuttgart-BadCannstatt: Formmann-Holzboog, 2004.
- FULDA. H.F. G.W.F. *Hegel*. München: Verlag C.H.Beck oHG, 2003.
- HEINRICH. D. *Hegel im Kontext*. Frankfurt Am Main: Suhrkamp, 1981.
- HEGEL, G.W.F. *Ciência de la Lógica* (Trad. de Rodolfo Mondolfo). Buenos Aires: Solar S.A. - Hacette S.A., 1968.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (Trad. de Paulo Meneses). São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito* (Trad. de Paulo Meneses). Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- HEGEL, G.W.F. *Introdução à Filosofia da História* (Trad. de Atur Morão). Lisboa: Edições 70, 1991.
- HEGEL, G.W.F. *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito* (Trad. de Paulo Meneses et al). São Leopoldo: Loyola, 2010.
- HOFFMANN. T.S. *Georg Wilhelm Friedrich Hegel: Eine Propädeutik*. Wiesbaden: Marix Verlag, 2004.
- MESTRE ECKHART. *O livro da divina Consolação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VAZ. H.C. de L. *A formação do pensamento de Hegel*. São Paulo: Loyola, 2014.
- WARTENBERG. T.E. “Hegel’s idealism: the logic of conceptuality”. In: BEISER, F.C. (ed.), *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Email: pnovelli@marilia.unesp.br

Recebido: 11/02/2016  
Aprovado: 16/05/2016